UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARA

FACULDADE DE ETNODIVERSIDADE

CURSO DE EDUCAÇÃO DO CAMPO-CIÊNCIAS DA NATUREZA

O CURSO DE EDUCAÇÃO DO CAMPO NA TRANSAMAZÔNICA: EM BUSCA DE UMA AVALIAÇÃO A PARTIR DE NARRATIVAS DE EGRESSOS

ROSIANE COSTA ARAUJO

ROSIANE COSTA ARAUJO

O CURSO DE EDUCAÇÃO DO CAMPO NA TRANSAMAZÔNICA: EM BUSCA DE UMA AVALIAÇÃO A PARTIR DE NARRATIVAS DE EGRESSOS

Trabalho de Conclusão de Curso submetido a Universidade Federal do Pará, como parte dos requisitos necessários para obtenção de Grau de Licenciatura em Educação do Campo com ênfase em Ciências da natureza.

Orientadora: Prof. Me. Fabiola Aparecida Ferreira Damacena.

ALTAMIRA-PARÁ

2019

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Pará

Gerada automaticamente pelo módulo Ficat, mediante os dados fornecidos pelo (a) autor (a)

C837c Costa Araújo, Rosiane

O curso de Educação do Campo na Transamazônica: Em busca de uma avaliação a partir de narrativas de egressos / Rosiane Costa Araújo. — 2019. VII; 31 f.

Orientador(a): Prof. Me. Fabíola Aparecida Ferreira Damacena Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Faculdade de Etnodiversidade, Campus Universitário de Altamira, Universidade Federal do Pará, Altamira, 2019.

1. Curso de educação do campo. 2. Educação básica. 3. Transamazônica. 4. Avaliação. 5. Narrativas de egressos. I. Título.

CDD 500.1

Banca examinadora

Orientadora: Prof. Me. Fabiola Aparecida Ferreira Damacena

Prof. Dr. _____

Felipe Bittioli R. Gomes

Prof. Dr._____

Ana Paula dos Santos Souza

Agradecimentos

Agradeço ao meu Deus por me conservar com saúde, minha família pelo o apoio, meus professores da trajetória do curso e minha orientadora Fabiola Damacena pela dedicação e confiança.

RESUMO

Este trabalho de Conclusão de Curso, intitulado “ O CURSO DE EDUCAÇÃO DO CAMPO NA TRANSAMAZÔNICA: EM BUSCA DE UMA AVALIAÇÃO A PARTIR DE NARRATIVAS DE EGRESSOS. ” teve como objetivo buscar elementos de uma avaliação do curso de educação do campo da Faculdade de Etnodiversidade da Universidade Federal do Pará, para isso se faz necessário apresentar um breve histórico do curso, da realidade da educação básica na transamazônica, tendo em vista as relações que se estabelecem entre ambos, a partir da formação de professores em alternância pedagógica, buscando avaliar, destacar os avanços, os desafios, as possibilidades no contexto dessa formação e atuação docente nas escolas do campo. A pesquisa delimita-se, pela abordagem qualitativa, bibliográfica e documental, a qual tem por finalidade buscar uma avaliação do curso, a partir de narrativas de egressos, com a utilização da entrevista como procedimento de coleta de dados. O trabalho está subdividido em quatro seções. Cada seção traz pontos relevantes que oportunizam reflexões avaliativas. Conclui-se que o curso de educação do campo precisa aprimorar o processo de acompanhamento dos alunos nos estágios e nos monitoramentos de Tempo Comunidade, também obtivemos sugestões no sentido de aperfeiçoar a matriz curricular e ampliar o número de disciplinas especificas de acordo com ênfases por área de conhecimento que o Curso oferta.

Palavras-chave: O curso de Educação do campo. Educação básica. Transamazônica. Avaliação. Narrativas de egressos.

SUMARIO

1- Introdução ----------Pág.6
2- Retratos da realidade da educação básica na transamazônica: tecendo relações com o curso de educação do campo da Faculdade de Etnodiversidade---------Pág.7
3- Delineamentos da pesquisa----------Pág.14
4-Em busca de elementos de avaliação do curso de educação do campo, o que dizem as narrativas, quais os desafios e possibilidades----------Pág.14
5-Considerações finais----------Pág.24
6- Referências bibliográficas----------Pág.26
7- Apêndice ----------Pág.29
Apêndice 01 (Questionário semiestruturado)
TCLE (Termo de consentimento)

1. Introdução

A Faculdade de Etnodiversidade, foi criada a partir do curso de Etnodesenvolvimento, em 2009, dispunha apenas de uma estrutura física na Faculdade de Letras, Campus de Altamira, e em 2013, houve a inauguração do prédio próprio assegurado via recursos do REUNI.

A Faculdade de Etnodiversidade recebeu esse nome em 2013, com a articulação dos docentes dos cursos de Educação do Campo e Etnodesenvolvimento para organização de uma faculdade que contemplasse os cursos de educação diferenciada do Campus de Altamira. (FACETNO, 2018).

Esses dois cursos constituem-se em políticas afirmativas na modalidade de curso especial destinado à nossa inclusão enquanto sujeitos camponeses espalhados pela rodovia Transamazônica e Xingu, em nossas vicinais, travessões, rios e florestas, adentramos aos cursos a partir do critério de nossa auto definição e do auto reconhecimento pelos nossos grupos de pertença, levando-se em conta as definições de nossos povos e comunidades tradicionais presentes nos documentos jurídicos nacionais e internacionais.

Neste trabalho de pesquisa vamos empregar uma atenção especial ao Curso de Educação do campo, da Faculdade de Etnodiversidade[1], até o ano de 2018, o curso contava com as turmas nos polos de Altamira, Placas, Gurupá, Pacajá, Brasil Novo, Anapu, Souzel, Medicilândia e Uruará. Três, dessas turmas, já colaram grau em 2018, e neste ano de 2019, são quatro turmas em processo de conclusão de curso, com outorgas e formaturas agendadas para o segundo semestre deste ano.

Dado esse número de turmas de egressos e concluintes do curso, bem como os elementos avaliativos que surgem no decorrer das etapas de formação, notei a necessidade de realizar um trabalho de pesquisa que buscasse sistematizar alguns elementos avaliativos e que pudesse reunir um conjunto de aspectos para contribuir na construção de um caminho na perspectiva do fortalecimento e desenvolvimento do curso de Educação do Campo nesta região da Transamazônica e Xingu, há vista a transformação que o curso tem causado na vida pessoal e profissional dos egressos que passaram a atuar nas escolas de educação básica do campo ou

[1] A FACETNO está presente nas regiões do Xingu, Transamazônica e Marajó, que integra aproximadamente 500 discentes dos mais diversos povos e comunidades tradicionais da Amazônia, hoje a maior em número de estudantes dos campi do interior e a mais diversa da UFPA. A Faculdade de Etnodiversidade é um mosaico do encontro das mais diversas cores, territorialidades, movimentos e pertenças da região Amazônica.

ainda estão por serem absorvidos nos editais de concurso público organizados pelas prefeituras dessa região.

Este trabalho apresenta alguns elementos da realidade das escolas de educação básica na Transamazônica que subsidiam a reflexão sobre a contribuição do curso de Educação do Campo; Identifica nas narrativas de egressos elementos de avaliação do curso de educação do campo no sentido do fortalecimento e desenvolvimento do curso na Transamazônica e Xingu e interpreta as narrativas dos egressos na perspectiva de destacar os desafios e possibilidades de aperfeiçoamento do curso de educação do campo, da Faculdade de Etnodiversidade.

No que se refere ao delineamento da pesquisa, buscamos estratégias básicas com vistas a um estudo exploratório e descritivo de abordagem qualitativa, bibliográfica e documental com procedimento de coleta de dados a partir de entrevistas realizadas com duas discentes egressas e uma concluinte. Produzi um questionário semiestruturado para registrar as narrativas.

Concluí que o curso de Educação do Campo, tem cumprido um papel fundamental no desenvolvimento da Transamazônica e Xingu, principalmente a partir de sua relação com as escolas de educação básica do campo, por meio das intervenções realizadas pelos alunos, durantes os Tempos Comunidade e pelos estágios supervisionados. Os dados revelam que o curso de Educação do Campo precisa aprimorar o processo de acompanhamento dos alunos nos estágios e nos monitoramentos de Tempo Comunidade, também obtivemos sugestões no sentido de aprimorar a matriz curricular e ampliar o número de disciplinas especificas de acordo com ênfases por área de conhecimento que o Curso oferta.

2. Retratos da realidade da educação básica na Transamazônica: Tecendo relações com o curso de Educação do Campo da Faculdade de Etnodiversidade

Os movimentos sociais do campo possuem uma pedagogia que se faz na luta do dia a dia (CALDART, 2004; ARROYO, 2014). A luta por educação de qualidade na Transamazônica tem história, tem legados, “tem sangue”. Não é de agora, que os próprios camponeses, fizeram sua voz gritante, se tornar lei em busca de reconhecimento, de valorização, de “se transformar em gente” uma vez que para as grandes elites, grandes latifundiários, metrópoles entre outros, os sujeitos do campo sempre foram vistos como indivíduos sem conhecimento, sem saberes, que viviam em lugar de atraso.

É evidente, a precariedade da educação básica na região da Transamazônica e Xingu. Qualquer pessoa que já leu algum relato ou apenas observou sobre a educação que temos, sabe

descrever a respeito dessa precariedade, marcada pela falta de políticas públicas na educação ao longo dos anos.

O campo era avaliado como lugar esquecido ou alienado ao seu próprio mundo sem oportunidades de "abertura" ao saber técnico, teórico onde somariam aprendizado junto as experiências dos campesinos. Os camponeses diante de muitos olhos passavam por pessoas preguiçosas, pelo fato de não estudarem, de lidarem diretamente com a roça,

> (...) pois se acreditava que os alunos do campo precisavam "estudar para ser gente, para sair da roça" porque a vida na roça era vista como uma condenação, um castigo para os preguiçosos que não gostavam de estudar, que não se esforçavam para aprender. O campo nessa lógica, era concebido como lugar do atraso, da falta de oportunidades, da monotonia, como o não lugar, e seus moradores eram vistos como coitados, analfabetos e ignorantes. (PPC do Curso de Educação do Campo, pág. 04, 2018)

Em dissonância com esse contexto, o que sempre faltou não foi coragem ou capacidade, vontade de estudar, mas sim oportunidades e políticas públicas de educação que priorizassem os povos do campo como sujeitos do saber, agentes do conhecimento abertos a oportunidades de informação, tecnologias, trabalho e conhecimento científico, como afirma Bonilla e Halmann (2011, p.286),

> O campo, no contexto brasileiro, apresenta um quadro resultante de políticas públicas insuficientes ou inadequadas a sua realidade. Historicamente, o que é dado como direito da população em geral tem sido negado a população do campo, que vem amargando os piores índices socioeconômicos, como renda, analfabetismo e acesso as tecnologias, além dessa população ser relegada a uma educação precária, com currículos que não condizem, com suas necessidades, com uma infraestrutura deficitária e com professores sem formação adequada. Faz-se necessário, então compreender melhor esse contexto, que requer acesso as tecnologias e uma maior articulação entre a formação dos professores, as diferentes linguagens, a cultura digital e as práticas pedagógicas, de forma a proporcionar a compreensão da realidade do campo e as possibilidades que a tecnologia oferece para sua transformação

Nesse sentido, a educação básica rural na Transamazônica, traz suas marcas legais conquistadas por cidadãos, pais de família que lutavam junto a algumas secretarias educacionais (SECADI, SESU) e MST (movimento dos sem terras) para ver seus filhos estudarem, terem a oportunidade de cursar o ensino infantil, fundamental e médio. Para eles, eram sonhos a serem alcançados e foram estes sonhos que também promoveram remanescentes dessas lutas que hoje tem a oportunidade de estar cursando a educação básica e o ensino superior por meio dessas conquistas. É inegável a gratidão, o reconhecimento por estes desbravadores de lutas por educação, entretanto, não se pode calar a voz que grita por avanços e mudanças na educação

básica do campo (que é um modelo nacional) uma educação marcada por um “ensino compensatório” á multissérie.

Um sistema de ensino articulado para garantir a educação dos povos do campo. As escolas multisseriada garantem a educação básica do ensino infantil até o fundamental maior, funcionando de maneira precária, onde na maioria das vezes funciona do 1º ao 5º ano numa única sala, com um único professor, ou do pré-escolar ao 5º ano da mesma forma, onde o professor ministra todas as disciplinas em situações difíceis, sem material didático voltados a realidade do campo, sem estrutura física, sem condições pedagógicas para atuar no ensino do campo.

É notório, que este ensino oportuniza os filhos de agricultores, extrativistas, ribeirinhos, indígenas, camponeses e quilombolas a cursarem o ensino fundamental, quando não podem vir para a cidade estudar por falta do transporte escolar, quando moram em travessões, vicinais dispersas, longínquas de difícil acesso, devido a precariedade das estradas, por falta de políticas públicas voltadas aos povos do campo, por se tratar de regiões empobrecidas e com baixa densidade demográfica. Entre os elementos que compõem a escola multisseriada, Silva (2007, p. 33), complementa,

> O desenho que se apresenta é de que (a classe-escola) multisseriada, assim como toda a educação do campo e o próprio campo como território, tem sido relegado a segundo plano, sendo essa modalidade oferecida nas regiões mais empobrecidas, com baixa densidade demográfica

Diante dessa realidade, se pode observar vantagens desse modelo de ensino, contudo, não é dispensado as adaptações que este ensino pode granjear, ou seja, existem muitas lacunas, muitos desafios a serem pensados para melhoria desta modalidade de ensino, já que é quase impossível falar no colapso da multissérie na educação do campo, justamente por se tratar de pequenos números de estudantes por série/anos em cada escola localizada em inúmeras vicinais, comunidades, ramais e vilas do campo. Esta foi a maneira que o MEC proporcionou para garantir o direito a educação aos povos do campo.

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN 9394/96), no seu Art. 28, diz que, na oferta da educação básica para a população do campo, os sistemas de ensino promoverão as adaptações necessárias à sua adequação, as peculiaridades da vida rural e de cada região[...]. Segue em destaque alguns incisos para abertura de uma discussão fundamentada a partir dos conteúdos curriculares e metodologias apropriadas as reais

necessidades e interesses da zona rural; da organização escolar própria, incluindo a adequação do calendário escolar as fases do ciclo agrícola e as condições climáticas; e da adequação a natureza do trabalho na zona rural.

Desta maneira está explicito que a educação do campo, por muito tempo se difere do que foi outorgado. Que educação estamos acostumados a ter? O que falta para a educação do campo atender os incisos da Lei? Quando realmente teremos uma educação diferenciada, de qualidade que atenda as especificidades relatadas?

São perguntas antigas e atuais que não se calam e permitem uma reflexão mais aprofundada, mediante a educação que temos e estamos acostumados a aceitar como algo alienado as secretarias municipais de educação. Cabem a estas produzirem de acordo com a Lei os Projetos Políticos Pedagógicos, currículos escolares voltados as particularidades, a realidade do campo, as identidades dos alunos do campo e respeitar as culturas, os saberes, o clima, o trabalho e a tradições do campo como elementos significativos e ricos para a construção de um currículo, de um PPP, de um calendário direcionado as escolas do campo.

Por se tratar de um curso de formação de professores são enfocados os conhecimentos necessários para quem vai ser professor de Língua e Literatura de Expressão Portuguesa e de Ciências da Natureza em escolas rurais. “Assim, temos que considerar o perfil do professor que queremos formar, tendo em vista as atuais necessidades da realidade em que esse professor vai atuar, levando em consideração o tempo, o espaço físico e o conjunto dos recursos materiais e humanos necessários para que a formação pretendida seja exequível” (PPC do curso de Educação do Campo – 2018).

Desta forma, o curso foi pensado em formar professores com perfil voltado ao campo, educadores compromissados com a realidade do campo, pessoas que trazem resistência as classes dominantes que sempre inferiorizaram o campo como lugar de atraso ou de esquecimento.

Contudo, é possível afirmar que o curso de Educação do Campo tem resgatado os valores esquecidos e buscado os conhecimentos empíricos que ao decorrer do curso se transformam em saberes pedagógicos, técnicas, estratégias e metodologias diversificadas através das experiências trocadas entre acadêmicos, professores, mestres e doutores com o objetivo de aprender e ensinar num compromissado processo de formação.

O curso de Educação do Campo também, é uma conquista de muitas lutas dos movimentos sociais, de secretarias educacionais, entre outros representantes que sentiram a

necessidade de construir uma modalidade de ensino superior que alcançassem as populações menos favorecidas, os povos tradicionais como os ribeirinhos, extrativistas, indígenas, quilombolas, caiçaras e filhos de agricultores que não tiveram acesso ao ensino superior por falta de oportunidades ou pelo fato de não poder migrar da comunidade, mudar sua moradia, por já ter uma vida construída em determinada localidade ou até mesmo pela condição financeira.

Por via dessas observações, o curso de Educação do Campo contempla essa realidade e foca seu papel fundamental em formar camponeses, agricultores, protagonistas do campo em cidadãos profissionais graduados, licenciados para atuar no campo, sem sair do campo com uma educação diferenciada, voltada a realidade das comunidades que visa somar saberes empíricos á conhecimentos técnicos, científicos que estão em pleno processo de transformação como aprendizes no meio educacional. O PPC do curso de Educação do Campo (2018), assinala que,

> Formar educadores em exercício ou jovens e adultos de áreas rurais com pertencimento indígena, quilombola, camponês, assentados da reforma agrária, ribeirinhos, extrativistas, entre outros, em nível superior para a docência na Educação Básica, nas áreas de Linguagens e códigos da Natureza para atuarem nas escolas do campo, participando ativamente da organização do trabalho escolar e pedagógico, sintonizado e comprometidos com a transformação da educação e da realidade social desse território.

Fica notório, que o curso busca um sistema de ensino que permite uma maior aproximação acadêmica das comunidades, abre um leque de troca de experiências teóricas e práticas pela maneira que é direcionada o curso, onde o acadêmico mora na comunidade, pesquisa, entrevista, relata e partilha suas descobertas, seus saberes, nos Tempos Universidades, retorna à comunidade nos Tempos Comunidades e vive essa troca de conhecimentos onde o mais importante é a aproximação, o diálogo, o resgate e afirmação de valores e de identidades, que por muito tempo escondeu tesouros que poderiam ter se somado ao número de alfabetizados nessa educação que lamentavelmente, ainda é marcada por um cenário de precariedade e violação de direitos.

O curso de Licenciatura em Educação do Campo- Ciências da Natureza se divide em Tempos Universidades e Tempos Comunidades, mas ainda falta conhecimento, fortalecimento do curso, pois muitos ainda não tem consciência da importância e do papel social da universidade, da pedagogia da alternância no ensino superior, onde um dos principais objetivos é aproximar a universidade e os acadêmicos à realidade do campo, mostrar, interpretar como é desenvolvida a vida camponesa; relatar o modo de vida na agricultura, na comunidade, perceber

a relação das famílias no meio educacional, cultural e trazer essas importâncias para contribuir na formação docente do acadêmico.

No que se refere as atividades curriculares de estágio supervisionado, o curso é constituído por quatro estágios, sendo dois no ensino fundamental e dois no ensino médio, na maioria das vezes os estágios são entendidos apenas como requisito avaliativo para lançamento de nota no sistema de avaliação do curso, por muitas vezes são vistos como mais uma norma do curso para colação de grau.

Diante dessa visão é importante uma reflexão sobre a riqueza que possuem os estágios, que são os estágios que permitem o sentir docente, o saber docente e o fazer docente no encontro pedagógico presente na regência. São a partir dos estágios que começa a aproximação dos alunos, agentes de transformação social em suas comunidades de pertencimento, a partir de suas intervenções didáticas possibilita práticas interdisciplinares entre os saberes empíricos e a ciência, criando alternativas pedagógicas positivas no processo de aprendizado, na área de formação.

Na experiência dos estágios, ocorre o encontro com a realidade educacional das escolas básicas do campo, espaço onde os acadêmicos, constroem a capacidade de desenvolver, articular, produzir, intervir, reivindicar, buscar, conquistar técnicas, estratégias, conhecimentos e mediação entre o mundo do aluno e os conteúdos aplicados teoricamente e na prática no processo de construção do aprendizado.

Há muitos aspectos a serem refletidos sobre o curso de Educação do campo, um deles é questão da formação para a docência por área do conhecimento, que compõe a proposta do curso, e as implicações sobre a forma de organização curricular das escolas do campo. O que se espera de um licenciado em Educação do Campo –Ciências da Natureza? Essa é uma questão que abre um leque de respostas, leva a uma reflexão sobre a formação por área de conhecimento, uma vez que, os discentes egressos do curso, em suas diversas ênfases, se deparam com a dificuldade de serem contemplados nos editais de concursos públicos, o coletivo das faculdades junto com o Ministério Público tem lutado para garantir que as prefeituras abram oportunidade de atuação profissional nas escolas do campo.

De acordo com o PPC do curso, o licenciado na área de Ciências da Natureza deverá ser identificado por múltiplas competências e habilidades desenvolvidas durante sua formação acadêmica convencional, teórica e prática ou fora dela, desse modo, o acadêmico só atenderá este quesito se de fato se disponibilizar a realizar as atividades propostas pelo curso, isso só é

possível a partir da entrega as experiências vividas nos TUs e TCs, onde é aceitável a troca de saberes do aluno e a junção destes conhecimentos, ou seja a teoria com a prática.

Nesse caso, teoria no que se refere ao conhecimento teórico, científico trazido pelos docentes do curso, em forma de planos de ensino ou planejamento pedagógico entre outas metodologias. O aluno, cheio de conhecimentos teóricos leva à comunidade em forma de intervenção, de contribuição, de aplicação e principalmente de transformação na comunidade que vive, valorizando os saberes e experiências e assim possibilitando um processo de ensino aprendizagem com a qualidade necessária.

Nesse processo, o profissional esperado é aquele compromissado na área de conhecimento que atua, é um profissional com ética, com amor, com comunicação, com capacidade de desenvolver estratégias metodológicas de ensino, onde visa melhor aprendizado com interdisciplinaridade, com determinação, com habilidade em enfrentar desafios tendo responsabilidade social, moral, religiosa e educacional no que se refere a Educação do campo.

Posto isso, a centralidade do projeto político-pedagógico da Licenciatura em Educação do Campo não está/não deve estar na questão da docência por área do conhecimento: ela é apenas uma das ferramentas escolhidas (dentro de circunstâncias históricas determinadas) para desenvolver uma das dimensões (a da docência) do projeto de formação de educadores que dê conta de pensar os caminhos da transformação da escola desde o acúmulo de reflexões já existente. Deslocada deste centro a questão da docência por área tende a ser absolutizada, exatamente pela novidade e os desafios de sua implementação, e desloca a atenção e o trabalho educativo dos aspectos centrais onde esta discussão específica faz sentido, pelo menos desde as finalidades formativas que devem orientar esse curso. (CALDART, 2010)

Essa discussão específica sobre a formação para a docência por área, deve ser ancorada em um projeto de transformação da forma escolar atual, visando contribuir especialmente no pensar de dois dos seus aspectos fundamentais que são a alteração da lógica de constituição do plano de estudos visando à desfragmentação curricular pela construção de um vínculo mais orgânico entre o estudo que se faz dentro da escola e as questões da vida dos seus sujeitos concretos, e a reorganização do trabalho docente objetivando superar a cultura do trabalho individual e isolado dos professores. E ambos os aspectos devem estar orientados por uma concepção de educação e de escola ligada aos objetivos formativos mais amplos de compreensão da realidade e do modo de produção do conhecimento nas escolas básicas do campo.

3. Delineamentos da pesquisa

A metodologia cientifica cumpre o papel de ajudar os discentes a adentrar no mundo dos procedimentos sistemáticos e racionais, base da formação tanto do pesquisador estudioso quanto do profissional, pois ambos atuam, além da prática, no mundo das ideias. Podemos até afirmar que a prática nasce da concepção sobre o que deve ser realizado e qualquer tomada de decisão fundamenta-se naquilo que se afigura como o mais logico, racional, eficiente e eficaz. (LAKATOS, 2010)

Na busca de um resultado eficaz, esta pesquisa delineia-se pela abordagem qualitativa, bibliográfica e documental com procedimento de coleta de dados a partir de entrevistas realizadas com três discentes egressas, com a aplicação de um questionário semiestruturado para registrar as narrativas, sendo uma da área de linguagens e códigos, outra de Ciências da natureza e a minha própria experiência (narrativa) também de Ciências da natureza.

Somos três mulheres camponesas, agricultoras, compromissadas com as tradições e culturas do campo em suas comunidades, somos professoras e conhecedoras dos desafios, das lutas por uma educação de qualidade no campo, dos esforços dos movimentos sociais e lideranças do campo em busca de valorização e reconhecimento de seus saberes e garantia de seus direitos. Optei por mulheres como um resultado de conquista, pois a luta feminina por seus direitos tem sido árdua, também porque as dificuldades para nós mulheres estudarmos são muito maiores, considerando alguns fatores como a responsabilidade com casa, filhos, marido e trabalho.

As narrativas de formação têm como finalidade promover reflexões a partir de cada história individual de experiências numa história de conhecimento coletivo. A experiência é o gesto de formar pessoas na inteireza de seu ser e de sua vocação de criarem-se a si mesmas e partilhar com os outros a construção livre e corresponsável pelo seu próprio mundo social da vida cotidiana. (BRANDÃO, 2003, P. 21)

4. Em busca de elementos de avaliação do curso de Educação do Campo, o que dizem as narrativas, quais os desafios e possibilidades

Na análise qualitativa dos dados, pelo fato de se caracterizar como um processo indutivo, que tenta tecer uma relação de fidelidade ao universo e vida cotidiana dos sujeitos, traços dos pressupostos da pesquisa qualitativa, visa apreender o caráter multidimensional dos

fenômenos em sua manifestação natural, nesse caso, espontânea, bem como captar os diferentes significados de uma experiência vivida, no sentido de auxiliar a compreensão do indivíduo no seu contexto.

Deste modo, a partir da literatura pertinente relacionada ao tema deste trabalho e dos dados, que, muito embora com diferentes formas de serem analisados, o recorte de categorias selecionadas, é uma condição "sine qua non" para a realização de um estudo adequado, levando-se em conta que na realidade, enfrentamos uma dificuldade imediata, que é de adotar os procedimentos apropriados e devidamente descritos na literatura (Ludk e & André, 1986), o que nos torna os pesquisadores inseguros na delimitação de critérios e passos metodológicos.

É importante salientar que, ainda que os passos metodológicos numa abordagem qualitativa não estejam prescritiva mente propostos, nós, em nossos ensaios acadêmicos de pesquisadores, não devemos nos considerar sujeitos isolados, levamos em conta, o nosso contato com a realidade pesquisada, associado aos pressupostos teóricos que sustentam nosso projeto, sobretudo no contexto do curso de educação do campo, onde assumimos um papel de protagonistas sociais em nossas comunidades rurais.

A análise qualitativa se caracteriza por buscar uma apreensão de significados na fala dos sujeitos, interligada ao contexto em que eles se inserem e delimitada pela abordagem conceitual (teoria) do pesquisador, trazendo à tona, na redação, uma sistematização baseada na qualidade, mesmo porque um trabalho desta natureza não tem a pretensão de atingir o limiar da representatividade (Fernandes, 1991).

Esse momento, da sistematização da análise, pode suscitar um movimento constante, em várias direções: das questões da entrevista, para a realidade, desta para a abordagem conceitual, da literatura para os dados, se repetindo e entrecruzando até que a análise atinja pontos de "desenho significativo de um quadro", multifacetado sim, mas passível de visões compreensíveis na perspectiva de identificar elementos que contribuam com a avaliação do curso de educação do campo na Transamazônica.

As narrativas citadas pelas egressas do curso são ferramentas fundamentais para desenvolver a avaliação buscada no decorrer deste trabalho. Se faz necessária a avaliação do curso neste processo, como elemento significativo para compreendermos os pontos positivos na formação docente, a avaliação nos faz refletir sobre as lacunas existentes no curso, aponta os principais avanços e transformações ocorridas na vida acadêmica por meio da formação. É essa avaliação que possibilita enxergar os aprimoramentos necessários que precisam serem observados para melhoria da oferta do curso. As entrevistadas expuseram suas narrativas a

partir de um questionário de dez questões semiestruturadas, onde respondiam as perguntas norteadoras da avaliação em forma de texto buscando atender as questões no objetivo de orientar uma análise crítica para a avaliação. “Avaliar significa identificar impasses e buscar soluções” (LUCKESI. 1995, p. 165).

Nessa perspectiva foram selecionadas a partir das respostas das egressas algumas categorias de análise no sentido de buscar elementos que possam contribuir no processo de avaliação do curso de Educação do Campo. Dentre essas categorias se destacam as metodologias de ensino dos professores, os estágios e avaliação, o currículo do curso sobre as demandas das disciplinas especificas de acordo com a ênfase e os Tempos Comunidades.

Os critérios de análise que iremos ponderar a partir das respostas são as contribuições ocorridas na vida profissional e social das egressas, as intervenções nas comunidades como fatores positivos ou negativos, as práticas de ensino e aprendizagem diferenciada discutidas durante a formação acadêmica os avanços e desafios questionados em busca de melhorias para uma formação de qualidade na Educação do campo. Para começar, refletimos sobre as narrativas cujas repostas dialogam desde a primeira categoria desenvolvendo a discussão e possíveis reflexões avaliativas. A análise segue a ordem das categorias abordadas nas questões e as respostas serão dissolvidas de acordo com as mesmas.

Sobre a categoria das metodologias de ensino dos professores as alunas egressas, trouxeram as seguintes respostas:

> *“No entanto, diante dessas disciplinas tivemos professores qualificados com metodologias diferenciadas, levavam sempre em consideração os saberes locais, não desprezavam os saberes tradicionais dos acadêmicos. Numa dessas tive um professor que marcou profundamente. O professor Barros no ensino de física com aulas práticas e materiais acessíveis aos professores do campo, tendo em vista que os professores se queixam de não mudar suas metodologias por falta de recursos didáticos”.* (*Egressa* 01 Polo Pacajá).

> *“Enfim, no Tempo Universidade os acadêmicos estudavam a parte teórica, cientifica das disciplinas, envolviam, relacionavam conhecimentos empíricos a conhecimentos teóricos, discutiam os autores, baseavam as práticas, trocavam saberes com professores “mestres e doutores”, eram ementas de disciplinas ricas em conhecimento, metodologias de educação diferenciada, voltada a realidade dos alunos, os professores de uma forma ou de outra sempre se policiavam a respeitar os valores, as identidades, as especificidades dos povos do campo e com junção do esforço acadêmico, conhecimentos tradicionais e conhecimentos especifico, geravam saberes teoria-prática com muita produtividade a serem aplicados na*

> *comunidade, discutidos somados, transformados, trocados, devolvidos e principalmente eternizados com eficácia e flexibilidade para sempre um novo aprendizado."* (Egressa 02 Polo Anapu)

> *"O curso tem a finalidade de trabalhar uma educação diferenciada, com o intuito de formar professores para o campo. As metodologias atenderam a especificidade, os professores sempre se atentavam para essa questão. Eram bem abertos ao diálogo, sempre dávamos sugestões/opiniões para melhorar aquilo que não estávamos nos adaptando, para que desta forma pudéssemos ter um melhor aproveitamento das disciplinas. Hoje sabemos que o campo educacional precisa estar em harmonia com a realidade dos alunos, que é preciso que a escola leve em consideração as especificidades do campo. Talvez se não tivéssemos acesso a esse ensino diferenciado, que valoriza os meios de vida, as culturas e costumes, não estaríamos agora tão conscientes que isso é preciso para que o aluno tenha rendimento e se sinta valorizado, hoje sabemos que o ensino precisa ser mais contextualizado e flexível as realidades".* (Egressa 03 Polo altamira).

Os elementos apresentados pelas discentes de acordo com a categoria, trazem em comum os conhecimentos pedagógicos originados a partir do processo de formação do curso, pois o mesmo possibilitou o diálogo entre os costumes, as tradições, os saberes da terra que trazemos no peito afim de somar conhecimento e contribuir no desenvolvimento do ensino e aprendizado durante o nosso percurso formativo.

As respostas evidenciam o quanto o curso é voltado a nossa realidade de vida, as metodologias dos professores continham um diferencial ao buscar o diálogo e aproximação de nossas práticas sociais e produtivas, causando consequentemente, maior envolvimento nas aulas, com aprendizagem significativa, coerente na relação com nossos conhecimentos tradicionais, buscando formar professores críticos, abertos as reflexões que partilha seus saberes. Nessa perspectiva (PIMENTA 1999) afirma que produzir a vida do professor implica valorizar, conteúdos de sua formação, seu trabalho crítico- reflexivo sobre as práticas que realiza e sobre suas experiências compartilhadas.

As narrativas expressam dados que podem ser observados, como a valorização que o curso promove aos nossos saberes, a nossa comunidade, com metodologias pedagógicas facilitadoras de aprendizado. "O fator isolado que mais influencia a aprendizagem é aquilo que o aluno já sabe". (MOREIRA 1995)

É possível refletir nas falas das egressas, que as metodologias de ensino dos professores possuíam elementos didáticos que priorizavam o ato de aprender e ensinar, juntos construíam

essa ação de aprendizado. Os elementos da didática se resumem em conteúdo das matérias ação de ensinar e aprender. (LIBANEO 1994, P. 98).

Sobre a categoria dos estágios supervisionados e avaliação as egressas trouxeram os relatos a seguir:

> *Sobre os estágios tive mais dificuldades pois não tínhamos acompanhamento, essa é uma lacuna, gostaria de que tivesse tido um professor acompanhando os estágios, mas entendo as dificuldades para eles se deslocarem até as comunidades por serem distintas e a demanda do curso ser grande*. (Egressa 01 Polo Pacajá)

> *O curso de Educação do campo exigiu quatro estágios supervisionados, tínhamos as disciplinas norteadoras dos estágios, onde os professores vinham orientar os acadêmicos e prepará-los para as atividades de estágio. Diante do PPC do curso os estágios foram planejados para serem supervisionados, no entanto, diante das crises financeiras que a faculdade vinha sofrendo devido aos cortes das verbas na educação principalmente nas universidades e a demanda de campo ser grande os alunos não puderam ter esse acompanhamento pedagógico e sem dúvida seria de extrema importância na formação docente do acadêmico. Essa falta de supervisão, de suporte nos estágios posso afirmar que foi uma das lacunas do curso, podendo ser vista como uma crítica construtiva para melhoramento na qualidade do ensino e aprendizado para formação docente na área especifica, visto que o estágio no meu conceito é o "coração do curso" pois é através dele que nos aproximamos do aluno, nos sentimos docentes, e fazemos docentes.* (Egressa 02 Polo Anapu).

> *Muitos alunos não tiveram esse acompanhamento, e os que tiveram foi uma, duas vezes. Isso poderia ter facilitado nosso trabalho, ao trazer mais segurança durante os estágios. Para que os alunos tenham melhor rendimento seria interessante o acompanhamento nos estágios, pois esse é o momento de mais insegurança para maioria dos estudantes. Como sabemos que a faculdade tem em sua grade poucos professores, a demanda de orientandos para cada professor era meio grande, o que dificultava esse convívio maior entre professor e aluno. Assim vejo a necessidade de um contato maior entre professor/aluno, visto que as tarefas são bem intensas, as exigências por um trabalho de excelência são muito maiores, pois os relatórios são uma parte de grande importância nesse processo de TC, são construídos na perspectiva de trabalho de conclusão de curso, na verdade é uma preparação para isso e, portanto, tem uma exigência muito grande*. (Egressa 03 Polo Altamira*).*

A partir das experiências narradas pelas egressas em relação aos estágios supervisionados percebemos que o nível de preparação para atuação docente nas escolas do

campo, decorre das experiências nos estágios, além disso compreendemos o quanto o curso contribui na nossa formação de professores comprometidos com uma educação diferenciada, pois através das experiências a partir dos estágios houve a descoberta do que é ser professor, do sentir docente, do fazer docente, do nosso papel frente ao desafio de ser a diferença em nossas escolas e comunidades.

Pode se observar a importância do estágio segundo Pimenta (2009), quando afirma que o estágio é a junção da teoria com a prática, onde busca um conhecimento teórico e prático para que o professor possa estar habilitado em exercer seu papel educacional dentro da sociedade.

O estágio é considerado como campo de conhecimento, onde é atribuído um estatuto epistemológico que supere sua tradicional redução a atividade prática instrumental (PIMENTA e LIMA, 2012, p. 29).

Com isso entendemos o estágio como o momento de colocar em prática os conhecimentos teóricos e priorizar os saberes já existentes em busca de novos aprendizados.

As respostas das egressas trazem dados marcantes e reflexivos a respeito dessa categoria, quando evidencia a falta de acompanhamento dos professores nos estágios supervisionados, relatam sobre a avalição dos estágios que não foram realizadas de acordo como rege o regulamento, visto que a Resolução N. 4.262, de 22 de março de 2012 diz:

Art. 20. Compete ao Docente Supervisor, Docente Acompanhante ou Preceptor de Estágio:
I - Orientar, acompanhar e avaliar a execução do Plano de Atividades do Estágio;
II - Avaliar o desempenho do discente estagiário, em conformidade com o Plano de Atividades;
III - encaminhar à Coordenação de Estágio os Relatórios de Atividades do estagiário, semestral ou anualmente, conforme definido pelo Órgão Colegiado.

Art. 21. O Supervisor designado pela Concedente, quando houver, deverá:
I - Acompanhar e avaliar o estagiário de acordo com o Plano de Atividades;
II - Subsidiar o Docente Supervisor ou Preceptor na avaliação do estagiário;
III - avaliar a relação UFPA/Instituição Concedente.

Art. 22. A avaliação do desempenho do estagiário deverá considerar, no mínimo, os seguintes critérios:
I - Frequência às atividades do Estágio;
II- Cumprimento do Plano de Atividades;
III - relatório semestral ou anual das atividades desenvolvidas no Estágio

Estes são critérios da resolução da faculdade que abrange os estágios de todos os cursos de licenciatura. No curso de Licenciatura em Educação do Campo o regulamento de estagio supervisionado obrigatório afirma:

Parágrafo Único: O Estágio como ato educativo escolar supervisionado, deverá ter acompanhamento efetivo pelo (a) Professor (a). Orientador (a) da instituição de ensino e por um (a). Supervisor (a) da parte Concedente, conforme os Arts. Nº 9 e nº 12 deste Regulamento;

Art. 9 A realização do Estágio Supervisionado acontecerá em instituições escolares da educação básica, sob a supervisão de um (a) Professor (a). Orientador (a) da instituição de ensino e por um (a). Supervisor (a) da parte Concedente, comprovado por vistos nos relatórios das atividades referidos no Inciso IV do caput do Art. 7º da Lei nº. 11.788/2008.

Art. 24 Em cada etapa de estágio, a avaliação do educando/a será feita pelo (a) professor (a) orientador (a) da instituição de ensino levando em consideração a avaliação feita pelo supervisor (a) da Concedente.

Diante dos artigos do regulamento, fazendo a relação com as falas das egressas é possível constatar lacunas que foram ocasionadas no decorrer do curso. As discentes trazem essas críticas e ambas justificam essas faltas pontuando fatores como a demanda dos professores, a distância dos Polos e os cortes financeiros que tem sido frequente na faculdade por parte do governo.

Podemos citar outros fatores que contribuem nessas lacunas, visto que o curso de Educação do Campo foi proposto pela faculdade como um curso de educação diferenciada que contempla os povos tradicionais e suas especificidades, portanto a própria legislação da UFPA não atende a educação diferenciada no regimento dos estágios supervisionados, não contempla a realidade, o regulamento do estágio a partir da legislação não preconiza o espaço da educação do campo que vai além da sala de aula (movimentos sociais, sindicatos, cooperativas, ambiente não escolar e etc.) que consequentemente gerariam custos.

Ou seja, a legislação foi elaborada para todos os cursos de licenciaturas regular, uma vez que o curso de Educação do Campo é modular/diferenciado e faz educação em outros ambientes, ocasionando custos financeiros, portanto exige uma atenção maior as suas particularidades para melhor qualidade na formação docente como sugerido no PPC do curso. O fato da legislação da faculdade não abarcar esses critérios do curso que exige a questão financeira, ocasiona essa lacuna (falta de acompanhamento dos professores nos estágios).

A partir das narrativas, foi possível observar esses dados não no sentido de minimizar ou inferiorizar o curso, mas visando proporcionar reflexões por via das críticas construtivas no objetivo de aperfeiçoar o currículo do curso e buscar uma possível avaliação do mesmo.

Sobre a categoria do currículo do curso no que se refere as demandas das disciplinas específicas por área de conhecimento, as entrevistadas egressas trouxeram as seguintes respostas:

> *A demanda das disciplinas foram atendidas, porém creio que houve lacunas em relação as disciplinas específicas do curso, acredito que a coordenação do curso deveria ter planejado mais disciplinas específicas de Ciências da Natureza, considerando que a turma é formada por uma diversidade de alunos do campo que talvez já tivessem anos e anos sem estudarem certas disciplinas como a química, ou pelo simples fato de tratar de "exatas" disciplinas mais complexas de serem entendidas*.(Egressa 01 Polo Pacajá)
> *Em relação as disciplinas específicas por área de conhecimento achei que foram poucas, seria bom se o curso tivesse ofertado mais disciplinas de acordo com a ênfase considerando que tinha muitos alunos que há anos deixaram de estudar.* (Egressa 02 Polo Anapu).

> *O curso atendeu a demanda de disciplinas ofertadas, e todas tinham esse caráter do campo, porém as disciplinas específicas com a ênfase foram poucas, senti que houve necessidade de ter expandido mais essa relação*. (Egressa 03 Polo Altamira).

Diante desses relatos, notamos que as egressas destacam a lacuna existente em relação as disciplinas especificas de acordo com a ênfase do curso. Observamos nas respostas alguns elementos que precisam ser aprimorados por exemplo com ênfase em Ciências da Natureza, segundo as respostas, o curso deveria ser voltado mais para a ênfase planejada, pois foram poucas as disciplinas de química, física e biologia, embora possamos notar produtividade, o curso deu mais prioridade as disciplinas sobre memória das comunidades, história educacional do campo, a sociologia, ou até mesmo trouxe disciplinas pouco produtivas, visto que Ciências da Natureza requer uma atenção mais específica quanto as disciplinas exatas.

Essa é uma crítica construtiva levantada pelas egressas que possibilita um auto avaliação da direção do curso na dimensão do planejamento curricular do curso que visa habilitar professores para a docência em um currículo organizado por áreas do conhecimento, Caldart (2010, p.03) destaca,

> A proposição apresentada foi de "criação de uma Licenciatura que se constitua desde a especificidade da Educação do Campo (que inclui uma estreita relação entre educação e processos de desenvolvimento comunitário) e que faça a formação dos educadores que atuam/ou pretendem atuar nas escolas do campo". Trata-se de "desenvolver uma formação que articule as diferentes etapas (e modalidades) da educação básica, preparando educadores para uma atuação profissional que vá além da docência e dê conta da gestão dos processos educativos que acontecem na escola". De forma articulada com esta atuação mais ampla, esta Licenciatura "pretende habilitar os professores para a docência multidisciplinar em um currículo organizado por áreas do conhecimento".

Dessa forma, observamos a importância que um currículo bem estruturado possui na oferta de um curso diferenciado que buscar formar profissionais comprometidos na educação do campo.

Sobre a categoria dos Tempos Comunidades, as egressas trouxeram os relatos a seguir:

> *O TC me possibilitou conhecer melhor a comunidade de minha pertença, contribuiu significativamente para a minha formação docente, principalmente na valorização dos conhecimentos tradicionais. Compreendi que ensino não pode ser descontextualizado, o docente tem um papel importante, que deve levar os alunos a refletirem sobre a sua realidade. Em relação as nossas intervenções nas comunidades pesquisadas, realizamos projetos com a comunidade, vários esclarecimentos acerca de políticas públicas voltadas para a educação do campo. Dialogamos no decorrer do curso, acredito que a informação é uma ferramenta muito importante para reivindicar qualquer que seja o direito. A luta continua. (*Egressa 01 Polo Pacajá).

> *Essa troca de conhecimento entre Tempo Comunidade e Tempo Universidade é de máxima importância, pois proporciona uma formação recheada de experiências, de culturas, de aprendizado, um verdadeiro leque de conhecimento. Faz do acadêmico um sujeito protagonista carregado de informações e sempre apto a contribuir, educar, concordar, discordar, construir, somar, reivindicar e sobretudo transformar o meio em que vivemos em um lugar de aprendizado. Por várias vezes durante o curso, tivemos a oportunidade de interferir na comunidade, de colaborar com as escolas campo estágio e somar junto com o corpo docente das escolas e a comunidade, conhecimentos e informações precisas para melhor desenvolvimento no aprendizado dos alunos. Por exemplo, as comunidades não são mais as mesmas desde que começam a participar das pesquisas, entrevistas e diálogos com os acadêmicos, isso é perceptível e gratificante, pois muitos dos moradores deixam explicito o entusiasmo de poder relatar sua história de vida, no primeiro tempo comunidade, houve com mais harmonia essa aproximação dos camponeses, pois tiveram oportunidades de expressar vários fatores da vida campesina, na agricultura, no lazer, no esporte, na família, sua relação com a natureza, enfim foram protagonistas das pesquisas*.(Egressa 02 Polo Anapu).

> *O Tempo Comunidade nos propiciou experiências incríveis. Para mim foi de grande importância, visto que tudo que fazíamos nos Tcs, eram sempre impregnados de experiências vividas na prática, e na volta no tempo Universidade tudo isso era socializado, discutido, e eram assim, momentos para grandes reflexões, críticas, que nos possibilitou grande aprendizagem também com as experiências do outro. E nessa troca víamos as dificuldades das escolas do campo relatadas em nossas pesquisas do tempo comunidade, compreendia ali que a profissão decidida a seguir pelo resto da minha vida era especial, por me permitir o deleite com lições sublimes e muitas foram elas.* (Egressa 03 Polo Altamira).

O fato do curso ser ofertado em pedagogia da alternância, dividindo a formação em dois períodos, tempo-universidade e tempo- comunidade, garante de fato a inclusão de povos e comunidades tradicionais do campo, pois não precisamos abandonar nossos afazeres na agricultura, nem migrar para a cidade. Essa modalidade de ensino oportuniza os alunos a cursarem o nível superior sem precisar sair do campo

Esse é um diferencial do curso, que o torna valioso difere das demais licenciaturas, pensado em alcançar os povos do campo, pois dessa forma nós alcançamos oportunidades de formação, de valorização, de reconhecimento, sem dúvidas são pontos relevantes que nós, formandos, egressos e comunidades observamos e avaliamos como uma modalidade de ensino produtiva e diferenciada como ressalta o PPC do curso (2018, p.13)

> O princípio da alternância pedagógica, contempla dois momentos imbricados: o tempo- universidade, que consiste em estudos desenvolvidos na UFPA; e o tempo-comunidade, que oportuniza o desenvolvimento de estudos na comunidade. A construção dos processos educativos contempla diferentes tempos e espaços pedagógicos, extrapolando a sala de aula e espaços escolares.

No que se refere aos Tempos Comunidade as egressas deixaram claro a importância dos mesmos na vida acadêmica para formação docente. São experiências riquíssimas que adquirimos na trajetória do curso, pois nos aproxima das comunidades, nos permite estabelecer uma relação de afetividade com os camponeses e com as escolas campo de estágios. Os conhecimentos encontrados (não na ideia de que estavam perdidos, mas no conceito de que eram esquecidos) nas comunidades foram resgatados eram socializados e partilhados nos Tempos Universidade, uma verdadeira junção de teoria, conhecimentos empíricos, culturas e práticas, como reforça Molina (2011),

> O Tempo Comunidade acontece nas áreas de origem dos estudantes, nos meses intermediários aos do Tempo Escola (março a junho / agosto a novembro). Durante o Tempo Comunidade os alunos desenvolvem atividades de estudo, pesquisa, leitura e escrita, coleta e preparação de material didático. Essas propostas de trabalho serão orientadas no sentido de formar o professor–pesquisador, criando a possibilidade de que esse projeto, além de contribuir diretamente para a construção de uma escola que possa responder à demanda imediata de escolarização das populações do campo, possa também atender à necessidade de se construir, no Brasil, espaços de pesquisa e produção de experiências inovadoras relativas à escola do e no campo.

Diante dessas trocas de experiências nos TCs víamos as dificuldades enfrentadas pelas escolas do campo, fazíamos nossas intervenções nas comunidades como forma de retribuição, informando sobre os direitos educacionais, valorizando os conhecimentos tradicionais. Nessa troca de diálogo descobrimos que o docente precisa saber ensinar de forma contextualizada,

levando os alunos a refletirem sobre sua realidade na valorização da identidade como um fator importante no crescimento do ser humano, visto que a temática da identidade constitui, contemporaneamente, relevante objeto de estudo para a teoria social e para as teorizações sobre educação. Apresenta ainda, acentuada importância política. (MOREIRA, 2008).

5. Considerações finais

A pesquisa realizada teve como objetivo geral buscar dados para promover uma possível avaliação do curso de Educação do Campo na Transamazônica, por meio de narrativas de egressas do curso, inclusive a minha própria experiência como concluinte. Neste trabalho foram trazidos retratos da realidade da educação básica que preconiza no campo. Diante da necessidade de uma educação diferenciada e de qualidade para o campo, os camponeses resistiram a negação, lutaram por seus direitos e reconhecimento.

Dentre essas lutas, surgiu o curso de Licenciatura em Educação do Campo, pensado em alcançar a população do campo (agricultores, ribeirinhos, extrativistas, quilombolas, caiçaras, indígenas e etc.). Que por muito tempo tiveram seus direitos educacionais negados.

Essa pesquisa traz aqui resultados (avanços e desafios) que permitem reflexões acerca do desenvolvimento desse trabalho na perspectiva de alcançar os objetivos delineados na introdução, na análise em busca da avaliação sugerida no mesmo.

O curso nos oportunizou a multidocência, podemos atuar em diferentes áreas do conhecimento, na ênfase de Ciências da Natureza, atuaremos em ciências do Ensino Fundamental e Ciências, Biologia, Química e Física do Ensino Médio na educação básica. Na ênfase de Linguagens e Códigos atuaremos em Língua Portuguesa, Literatura portuguesa, Brasileira e Africana.

Como podemos ver são características importantes que o curso abrange, pois quebra o paradigma do modelo tradicional que outros cursos oferecem (sem generalizar, nem inferiorizar) onde o aluno precisa cursar quatro anos uma única área para enfim se tornar licenciado. Portanto, essa modalidade, abre leques de oportunidades de formação em um único curso, um modelo que permite a interdisciplinaridade, a diversidade e partilha de conhecimentos e culturas, empoderando-nos enquanto sujeitos do campo e desenvolvendo nossas comunidades.

Nos sentimos reconhecidas, valorizadas e capacitadas para atuarmos nas escolas do campo, pois carregamos as marcas da resistência, da vitória, das lutas vencidas no decorrer do

curso, o quanto crescemos, nos transformamos, aprendemos, ensinamos e nos encontramos na profissão de sermos professoras.

Em nível mais elevado, ou com maior destaque constatamos a satisfação e realização das egressas em terem cursado o nível superior, numa universidade pública federal.

Hoje somos pessoas que aprendemos a expor nossas ideias, saberes, culturas e assim, contribuímos na produção de conhecimento cientifico a partir de metodologias diferenciadas, técnicas pedagógicas, no processo de consolidação de uma educação de qualidade nas escolas do campo.

Desta forma, é a partir de nossa própria experiência, responsável pela nossa transformação enquanto sujeito que vivemos a experiência e tornamo-nos aberto a novas ideias e sentimentos, esse sujeito sensível, vulnerável e exposto é um sujeito aberto a sua própria transformação. Ou a transformação de suas palavras, de suas ideias, de seus sentimentos, de suas representações. De fato, na experiência, nos constituímos sujeitos, formamo-nos e transformamo-nos e nessa relação, surge o resultado de toda essa nossa experiência: formação ou a transformação do sujeito da experiência que somos, pessoal e profissionalmente. (LARROSA, 2011).

Sobre os avanços, deixamos sementes durantes nossos estágios, e embora toda precariedade venha marcando majoritariamente as escolas do campo, as comunidades ganharam outro olhar, se tornaram campo de pesquisa e fonte de conhecimento, participaram de projetos, eventos e manifestações organizadas em busca de melhorias. Isso, demostra as vozes dos povos do campo que não se calam em busca de reconhecimento por seus valores e direitos.

O curso de Educação do Campo trabalha nossas realidades, nossa diversidade social, econômica e cultural, oferta formação diferenciada, esse, é seu maior referencial enquanto curso, porém, o maior desafio consiste em ter condições de trabalhar de forma diferenciada, contrapor muitas vezes o projeto político pedagógico das escolas-quando existem, e desenvolver um trabalho pautado nas especificidades do campo.

Outro desafio posto é continuidade do curso, conforme os objetivos de sua proposta pedagógica em levar a formação diversificada e diferenciada aos sujeitos do campo, continuar espalhando esses conhecimentos com sensibilidade, rigor cientifico e aberto a novos aprendizados, possibilitando oportunidades e transformando realidades nos territórios rurais, na transamazônica e Xingu, na Amazônia e no Brasil. A luta pela garantia de direitos, pela educação pública de qualidade em todos os níveis de ensino.

6. Referências bibliográficas

ARROYO, M. G. **Outros sujeitos, outras pedagogias**. 2. Ed., Petrópolis: Vozes, 2014.

Belo Horizonte: Autêntica, 2011.

BONILLA, Maria Helena Silveira; HALMANN, Adriane Lizbehd. **Formação de professores do campo e tecnologias digitais: articulações que apontam para outras dinâmicas pedagógicas e potencializam transformações da realidade**. **Inter-Ação, Goiânia**, v. 36, n. 1, p. 285-308, já. /Jun2011.

BRANDÃO, C. R**. A pergunta a várias mãos: A experiência de pesquisa no trabalho do educador**. São Paulo: Cortez. 2003. 174 p. (Série Saber com o outro; v. I).

CALDART, R. S. **Pedagogia do movimento sem-terra**. São Paulo: expressão Popular, 2004

.

CALDART, Roseli Salete. **Licenciatura em Educação do Campo e projeto formativo: qual o lugar da docência por área**? São Paulo: Expressão, 2010, pág. 127-154.

CALDART, Roseli Salete. P**or uma educação do campo: traços de uma identidade em construção**. In: ARROYO, Miguel G., CALDART, Roseli S., MOLINA, Mônica C. (Orgs.). Por uma educação do campo. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.

CUNHA, Maria Isabel. **O bom professor e sua prática**. São Paulo: Papiros, 1998.
Domingos Parra Filho. – 2. ed. – São Paulo: Cengage

FACETNO. **Histórico da Faculdade de Etnodiversidade**. Disponível em: http://facetnoaltamira.ufpa.br/ acesso em 24 de maio de 2019.

FERNANDES, M. E. (1991) **Memória Camponesa**. Anais da 21 a Reunião Anual de Psicologia, SPRP, Ribeirão Preto, 20 p.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia: Saberes necessários a prática educativa.** São Paulo: Paz e Terra, 2006. P. 148.

LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos da Metodologia Cientifica**. 7 ed. – São Paulo: Atlas, 2010.

LARROSA, Jorge. **Experiência e alteridade em educação**. Revista Reflexão e Ação, Santa Cruz do Sul, v. 19, n2, p. 04-27, jul. /dez. 2011
Learning, 2016.

LIBANEO, José Carlos. **Didática**. 4 ed. São Paulo, Cortez, 1994.

LUCKESI, C C. **Avaliação da Aprendizagem Escolar: Estudos e proposições**. São Paulo, Cortez, 1995.

LUDKE, M. & ANDRÉ, M. E. D. A. (1986). **Pesquisa em Educação**: abordagens qualitativas. São Paulo, EPU.

MOLINA, Mônica C. & SÁ, Laís Mourão (Orgs.). **Licenciaturas em Educação do Campo**.

MOREIRA, A, F. e CANDAU, V. M. **Multiculturalismo: diferenças culturais e práticas pedagógicas**. Petrópolis: Vozes, 2008.

MOREIRA, M A. **A teoria da aprendizagem significativa de Ausubel**. Monografia n º 10 da Série Enfoques Teóricos. Porto Alegre, (1995).

PIMENTA, Selma G; LIMA, Maria S. L. **Estágio e docência.** São Paulo: Cortez, 2012.

PIMENTA, Selma Garrido. **Formação de professores: Identidade e saberes da docência**. IN: PIMENTA, Selma Garrido. (org.). **Saberes pedagógicos e atividades docente**. São Paulo: Cortez Editora, 1999. (P. 15 a 34).

PIMENTA, Selma Garrido; LIMA, Maria Socorro. **Estágio e Docência**. 4ª ed. São Paulo; Cortez, 2009.

PROJETO POLITICO PEDAGÓGICO **(PPC**) Educação do campo- 2018.

SANTOS, João Almeida **Metodologia cientifica**/ João Almeida dos Santos,

SILVA, Ilsem Chaves da. **Escolas multisseriada**: **quando o problema é a solução.** Lages, 2007**.**Dissertação (Mestrado Acadêmico). Programa de pós-graduação em Educação da Universidade do Planalto catarinense**.**

VASCONCELOS, Celso do S. **Concepção Dialética – Libertadora do processo da Avaliação Escolar.** São Paulo. Libertad, 1994.

7. Apêndice

Entrevista realizada com alunas egressas do Curso Licenciatura em Educação do Campo.

1. Como você avalia a sua compreensão do campo da educação do campo?
2. Como você avalia a formação em alternância no curso de Educação do Campo?
3. Como você avalia a matriz curricular, nas ênfases em ciências da natureza e em códigos e linguagem? Disciplinas ofertadas?
4. Como você avalia as metodologias de ensino adotada pelos docentes?
5. Como você avalia o monitoramento realizado pelos docentes nos tempos comunidades?
6. Como você avalia os estágios supervisionados na relação com as escolas de educação básica do campo?
7. Como você avalia as mudanças que ocorreram nas comunidades a partir do curso de educação do campo?
8. Como você avalia dimensão pedagógica do curso, você se sente preparado para atuar nas escolas do campo?
9. Como você avalia as contribuições do curso na sua vida pessoal?
10. Você tem alguma crítica, sugestão ou proposição com vistas ao aperfeiçoamento do curso?

Universidade Federal do Pará
Faculdade de Etnodiversidade- Educação do Campo

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Você está sendo convidado (a) para participar da pesquisa "O curso de Educação do Campo: Em busca de uma avaliação a partir de narrativas de egressos. "O trabalho está sendo desenvolvido pela discente Rosiane Costa Araujo, e orientado pela professora Me: Fabíola Aparecida Ferreira Damacena, ambos do curso de Educação do Campo, Faculdade de Etnodiversidade, Universidade Federal do Pará, Campus de Altamira. Quaisquer dúvidas podem ser esclarecidas com a discente, pelo telefone (91) 992104918, ou com a orientadora pelo e-mail: fabi.damacena@gmail.com. Esta pesquisa é de grande importância, e tem como objetivo buscar uma avaliação do curso de educação do campo, a partir de narrativas de egressos do curso. As intenções deste estudo são: Conhecer o sistema da educação básica na Transamazônica; Conhecer o histórico e oferta do curso; Saber como funciona o curso modular; Identificar as vantagens e transformações que o curso acarreta na vida dos acadêmicos. Você foi selecionado, mas sua participação não é obrigatória, e poderá deixar de participar a qualquer momento, sem prejuízos ou penalidades. Essa pesquisa não prevê riscos nem benefícios, e sua identidade e dados pessoais são preservados.

Declaro que fui informado sobre os objetivos, riscos e benefícios de minha participação na pesquisa e porque o pesquisador precisa da minha colaboração, tendo entendido a explicação. Por isso, eu concordo em participar, sabendo que não vou ganhar nada e que posso sair quando quiser. Este documento é emitido em duas vias que serão ambas assinadas por mim e pelo pesquisador, ficando uma via com cada um de nós.

_____ _____

Nome do participante Assinatura

Rosiane Costa Araujo

_____ _____

Nome do entrevistador Assinatura

Anapu, 14 de maio de 2019.